

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

26

Isaura

**Os Católicos
e o Rearmamento
Moral**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 26

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

**OS CATÓLICOS
E O REARMAMENTO
MORAL**

PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959

I M P R I M A T U R
POR COMISSAO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 2-III-1959.

Título do original inglês: Catholics and the Moral
Rearmament Movement.

Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.

Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

OS CATÓLICOS E O REARMAMENTO MORAL

Pelo mundo inteiro o “Movimento de Rearmamento Moral”, do Rev. Dr. Frank Buchman, está procurando estender a sua influência, e está envidando todos os esforços para persuadir os Católicos a se tornarem membros dos seus vários grupos.

Na sua campanha em favor da agregação dos católicos, êle tem publicado e largamente distribuído literatura na qual Católicos proeminentes, principalmente do continente europeu, são citados ou como louvando o Movimento com inqualificável entusiasmo, ou como a êle tendo realmente aderido na qualidade de membros ordinários ou de funcionários. Como resultado de tal propaganda, muitos Católicos ficam confusos e desorientados, e alguns têm sido seduzidos à adoção dos princípios e à participação ativa na organização.

Que algum católico venha a aderir a tal Movimento só pode explicar-se na suposição de estar êle desatento à história e à verdadeira natureza dêle, ou de carecer de um perfeito conhecimento da doutrina católica e dos princípios morais católicos.

Neste opúsculo, pois, é feito um esforço para esclarecer a situação sob um ponto de vista católico; e que há necessidade disto é coisa que a custo pode ser posta em dúvida, considerando-se as centenas de indagações recebidas de católicos sôbre qual deveria ser a sua atitude na matéria.

Uma perfeita estimativa do Movimento de Rearmamento Moral dificilmente é possível sem um conhecimento da sua origem e das características essenciais que têm persistido através das várias fases do seu desenvolvimento. Voltemos, pois, atrás até os seus primórdios, até muito antes que o título, aparentemente inofensivo, de Rearmamento Moral” fôsse inventado.

FUNDADOR DO REARMAMENTO MORAL: Isso que hoje é conhecido como o “Movimento de Rearmamento Moral” foi fundado pelo Rev. Frank N. D. Buchman, americano nascido de pais protestantes em 1878, em Pennsburg, Pennsylvania, E.U.A.

Ele foi ordenado clérigo luterano em 1902, e passou cinco anos no ministério luterano, primeiro em Overbrook, Pennsylvania, e depois numa Colônia Luterana em Filadélfia — posição esta última que resignou devido a uma disputa com o seu Comitê.

Foi para a Inglaterra, e em 1908, enquanto freqüentava uma pequena igreja protestante em Keswick, em Cumberland, foi súbitamente convertido por uma mulher pregadora, declarando ter tido uma visão de Cristo Crucificado e “experimentado um vibrante sentimento de vida, como se grande cópia de energia lhe houvesse sido inoculada”.

O Rev. Frank Buchman voltou para a América, não para outro pastoreio luterano, mas para se fazer Secretário da A.C.M. (Associação Cristã de Moços) no Pennsylvania State College. Ali começou a experimentar-se como “Mudador de vida”, e, uns seis anos depois, abandonou o seu pôsto para se tornar um Evangelista independente, sob a guia imediata “de Deus”. Publicou um livro chamado “Cirurgia da Alma” (“Soul Surgery”), e falou de si mesmo como de um “cirurgião de Almas”.

Durante os dois anos seguintes, alternou entre viagens à China e ao Japão e docência na América. Em 1918 promoveu a sua primeira “Tertúlia Caseira” ou “Reunião de Grupo” na China.

Em 1921 levou à Inglaterra um grupo de estudantes americanos convertidos, e exibiu o primeiro “House Party” inglês na Universidade de Cambridge, deslocando-se dali para a Universidade de Oxford — de onde derivou o nome de “Movimento de Grupo de Oxford”.

No mesmo ano ele foi, com Conselheiro Militar Britânico, à Conferência do Desarmamento em Washington, e ficou convencido de que planos para a paz mundial eram inúteis sem uma mudança na própria natureza humana.

Em 1924, os seus esforços evangelísticos entre os estudantes da Universidade de Princetown, E.U.A., resultaram no banimento das suas atividades daquela instituição. Ele informara ao Presidente Hibben que 85% dos subgraduados eram pervertidos sexuais; e a sua declaração, juntamente com as inúmeras indiscrições dos seus seguidores, autorizaram a descrição do seu Movimento como “um culto religioso que recorre à religião através de alto emocionalismo, e frisa o sexo como sendo o maior pecado”.

Em setembro de 1926, ocorreu em Massachusetts “um pentecostes de frenéticas conversões” operado pelos Buchmanistas que colheram do “New Yorker” a descrição do Movimento como sendo “uma forma de evangelismo que combina as vantagens do misticismo, mesmerismo, espiritualismo, erotismo, psicanálise e alto poder de venda”.

Em 1938, Frank Buchman lançou no mundo a nova fase do seu Movimento conhecido como “Rearmamento Moral”.

PRIMEIRA FASE DO BUCHMANISMO

O Movimento do Grupo de Oxford: 1921-1938

Rearmamento Moral é o desenvolvimento moderno daquilo que anteriormente era conhecido como o “Movimento do Grupo de Oxford”, cujos característicos básicos êle incorpora, a despeito de quaisquer transformações posteriores e superficiais. Necessário é, pois, se quisermos compreender o Rearmamento Moral, estudar primeiro, cuidadosamente, a fase original das suas atividades.

DEFINIÇÃO: Uma obra autorizada, “What is the Oxford Group” (“O que é o Grupo Oxford”), de autoria de “Leigo”, com um Livro de Notas, publicado pela Imprensa da Universidade de Oxford em 1933, define o Movimento como “um grupo de pessoas de qualquer categoria, profissão e negócio, que em muitos países entregaram as suas vidas a Deus e estão se esforçando por levar uma vida de qualidade espiritual sob a direção do Espírito Santo” (p. 3).

Como movimento inteiramente protestante, por certo êle reivindica a direção do Espírito Santo em completa independência de qualquer direção da Igreja Católica — como todos os outros cultos americanos recentes e peculiares fundados por indivíduos zelosos que se fizeram o centro de uma nova teofania. Basta lembrar Mrs. Eddy, fundadora da “Ciência Cristã”; Mrs. Ellen White, fundadora dos Adventistas do Sétimo Dia; e o Pastor Russell e o Juiz Rutherford, fundadores das “Testemunhas de Jeová”.

OBJETO DO GRUPO: O livro supramencionado também nos diz o objeto da nova organização: “As finalidades do Grupo de Oxford são trazer ao mundo a avaliação do poder do Espírito Santo como uma

fôrça para a estabilidade e melhoria espiritual e material do mundo; despertar em nós, como indivíduos, o conhecimento de estarmos dissipando a nossa herança espiritual, e de ser o pecado a frustração do Plano de Deus para todos nós” (p. 6).

Que a Igreja Católica já fôra estabelecida por Cristo precisamente para êsses fins, com a promessa da proteção e guia do Espírito Santo todos os dias até o fim do mundo, isto não entrou na cabeça de Buchman, o Luterano, mais do que na de Wesley, o Metodista “reavivamentista”. Assim, mais uma vez deparamos com a pretensão de um reformador protestante de ter sido inspirado pelo Espírito Santo para estabelecer um movimento independente da Igreja Católica, para exercer o mesmo apostolado.

MEIOS: O Grupo de Oxford promulgou uma religião de “experiência religiosa” não-dogmática. Pondo diante dos seus membros, como um ideal, os Quatro Absolutos — Absoluta Honestidade, Absoluta Pureza, Absoluto Desinterêsse e Absoluto Amor —, êle volvia-se imediatamente para os meios pelos quais acreditava poderem êsses ideais ser realizados.

PECADO: Começou exigindo dos seus membros a convicção do pecado como uma doença moral que envenena tôdas as vidas humanas, individual e coletivamente.

PARTICIPAÇÃO: Nas suas reuniões ou “Tertúlias Caseiras” a confissão pública ou “participação” foi incentivada como o meio mais eficiente de emancipação dos próprios pecados pessoais; embora a “participação” também incluísse positivo testemunho das vitórias sôbre si ou sôbre os outros para o incentivo de todos os presentes, à moda dos “testemunhos” nas reuniões da “Ciência Cristã”.

Não tardou muito que se manifestassem todos os males associados à confissão pública do pecado, como na primitiva Igreja. Mas, ao passo que, na sua sabedoria, a Igreja Católica suprimiu inteiramente a prática das confissões públicas minuciosas, os Grupistas de Oxford recorreram a medidas menos drásticas, restringindo a confissão pública dos pecados pessoais a grupos separados de homens com homens e de mulheres com mulheres.

ENTREGA: A confissão, com a sua consoladora segurança de perdão do pecado, tinha de conduzir a um ato de entrega ou conversão a Deus como prelúdio de uma completa mudança de vida, a ser vivida de ora em diante sob a guia de Deus.

RESTITUIÇÃO: A reparação de quaisquer malfeitos passados era necessária, de acôrdo com as novas normas de honestidade, de modo que a senda ficasse limpa para a vida do futuro completamente guiada por Deus.

GUIA: Uma das promessas mais extravagantes do Grupo de Oxford nos seus primeiros dias era a de que a guia divina sôbre qualquer assunto concebível está sempre disponível para qualquer membro do grupo que a queira. O que êle tinha a fazer era dar-se a um tranqüilo recolhimento e oração, escutando a voz de Deus dentro de si, e então claras direções seriam dadas pelo Espírito Santo para qualquer emergência, até mesmo nas minúcias mais triviais do viver diário.

“Há sempre, vinda de Deus, orientação concreta, adequada, acurada sôbre qualquer assunto em qualquer tempo”. Tal era a promessa. E era ilustrada de forma característica pela asserção de que a palavra P-R-A-Y (Oração) significa PODEROSOS — RADIOGRAMAS — SEMPRE (Always) — SEUS (Yours).

Os absurdos a que isto logo levou fizeram ver aos "leaders" que semelhante guia pessoal e individual ficava, ao mesmo tempo, demasiado exposta a um puro subjetivismo. Concessão insuficiente fôra feita à possibilidade de uma consciência errônea, à sua necessidade de educação, e ao engano do próprio juízo privado quanto à inspiração divina. Por isto, em 1936, o Dr. Frank Buchman declarou em Birmingham, Inglaterra, que devemos "submeter a prova os pensamentos que nos acodem, para ver quais os que vêm de Deus. Uma das provas é a Bíblia... Outra prova é o "Que dizem os outros que também escutam a Deus?". Não pode ser totalmente controlado por Deus ninguém que trabalhe sôzinho. E' a um grupo de homens e de mulheres de boa-vontade que Deus fala mais claramente. E por meio de gente controlada por Deus é que Deus deve um dia governar o mundo".

Assim, a prova externa última não é o magistério infalível da Igreja Católica, e sim o veredicto divinamente guiado do Grupo de Oxford; e por meio do Grupo de Oxford é que virá o Reino de Deus!

NOVA SEITA RELIGIOSA

A despeito de tôdas as suas profissões em contrário, não pode haver dúvida alguma de que o Movimento do Grupo de Oxford significava o estabelecimento de uma nova seita protestante.

Explicitamente pretendia êle ser uma revivescência do Cristianismo primitivo. "A missão dêles", declarava o livro oficial de 1933 "What is the Oxford Group", ("O que é o Grupo de Oxford"), "é a mesma que a dos cristãos primitivos — a redenção do pecado para indivíduos e nações, e manter viva a Fé para a qual Cristo veio à terra" (p. 9).

Ademais, o Grupo reivindicava uma missão verdadeiramente profética recebida de Deus. "O Grupo de Oxford será ultrajado e perseguido... Que êle será perseguido é simplesmente de esperar. *Qual dos profetas os vossos pais não perseguiram?*" (p. 16).

O nome primeiramente proposto foi o de "Comunidade Cristã do Século Primeiro", até que prevaleceu o título de "Movimento do Grupo de Oxford".

O Luteranismo alemão, o Evangelismo inglês e o pragmatismo americano estamparam cada um nêle os seus traços característicos. O primeiro acentuou nêle o literalismo bíblico, com menosprêço da teologia e dos Sacramentos. O segundo acentuou a conversão decisiva e subtânea. O terceiro pôs grande insistência em resultados práticos e concretos.

A pecha dos métodos antiquados foi evitada pela substituição de têrmos velhos por novos — "participação" em vez de confissão e testemunho; "guia" em vez de juízo privado; "mudança de vida" em vez de conversão. E os sucessos dêles na "mudança de vida" foram apresentados como a única evidência indiscutível para um ministério espiritual eficiente.

RELAÇÃO PARA COM A IGREJA

Através de tôdas as idades têm surgido heresias e seitas pretendendo oferecer a mensagem e a orientação que a Igreja Católica foi divinamente incumbida de fornecer. Todavia, o Movimento do Grupo de Oxford desde o princípio insistiu em que não era uma nova seita. Mas isto era com base no princípio protestante de que todos os que crêem em Cristo, indiscriminadamente, constituem a única Igreja verdadeira! O Movimento proclamava ser "justamente outra gema ou facêta do Cristianismo como aquêles afeiçoada-

mente associados a Agostinho, Francisco, Lutero, Wesley, Booth ou Moody”!

Por isto A. J. Russel, no seu livro “For Sinners Only” (“Só para os pecadores”), p. 3, diz-nos que o Grupo de Oxford é “uma igreja interior em tôdas as igrejas, sem atenção a denominação, para o fim de aprofundamento da vida espiritual no corpo de Cristo”. E com base neste princípio, que nenhum católico pode aceitar, é que constantemente se diz que o Grupo inculca uma qualidade de vida aplicável a cada alma dentro daquela parte da Igreja a que êle já pertence.

A atitude é, pois: “Você pode ser católico se lhe aprouver, embora realmente não importe se o é ou não o é. Você é livre de ser qualquer coisa, contanto que procure sê-lo fervorosamente. Enquanto isso, siga a nossa orientação!”

Não há dúvida que, enquanto encarecia a lealdade de cada membro à sua própria Igreja, se êsse membro pertencia a alguma, o Grupo de Oxford fazia da lealdade a êle mesmo o primeiro dever de cada um. Cada membro devia viver uma “vida guiada”. Mas a guia individual tinha de ser controlada pela guia do grupo, e não pelos ensinamentos de qualquer Igreja. Falando em Kronborg, na Dinamarca, no Domingo de Pentecostes de 1935, o Dr. Frank Buchman declarou: “Deve vir uma autoridade espiritual que será aceita por cada um em tôda parte. Só assim a ordem sairá do caos nos negócios nacionais e internacionais”. Era da autoridade espiritual do Espírito Santo que êle cogitava, mas canalizada à humanidade através da guia do Grupo de Oxford, e não através da guia da Igreja Católica.

No seu livro “Saints Run Mad” (“Os Santos enlouquecem”, 1934), Marjorie Harrison escreveu, p. 105: “Outro mistério ligado com o Grupo é a sua atitude para com as Igrejas. Isto só diz respeito às Igrejas

Protestantes. A Igreja Católica Romana não terá nada nisso, e o Grupo não floresce em países católicos romanos". Infelizmente o que era verdadeiro em 1934 já não é tão verdadeiro desde que o Grupo de Oxford mudou o nome para Rearmamento Moral e começou a positivar uma missão social internacional, de preferência ao primitivo "reavivamentismo" religioso individual, ao qual a princípio restringia os seus esforços.

SEGUNDA FASE DO BUCHMANISMO

O Movimento de Rearmamento Moral: 1938-1951

Nos seus primeiros dias, o Grupo de Oxford prendia-se quase exclusivamente ao apostolado "Cirurgia da Alma" de Frank Buchman, ou fôsse a mudança das vidas pessoais dos indivíduos — de preferência das classes mais ricas.

Que "os pobres têm o evangelho pregado a êles" não podia ser dito do Buchmanismo. Êle era inteiramente despreocupado de qualquer missão social, e não instituiu obras de caridade para os pobres e para os desempregados. A resposta, então, a tôdas as acusações desta natureza era: "Nós aqui estamos para transformar o povo, e não para lhe oferecer ajuda material". Com razão o Bispo anglicano de Rochester, Dr. Martin Smith, disse do Grupo de Oxford em 1933: "O seu senso da injustiça social é muito fraco".

Todavia, em 1938, Frank Buchman pretendeu ter sido "guiado por Deus" para aplicar os seus princípios a "transformar o mundo", e lançou o programa ideológico com o "slogan" de que "As nações devem rearmar-se moralmente".

Transferiu o centro principal das suas atividades para o Continente onde a história anterior do seu Mo-

vimento era menos conhecida, e mudou o nome dêle para o de “Movimento de Rearmamento Moral”. A inconsistência parece nunca haver incomodado o Dr. Buchman. Em 1933, quando Marjorie Harrison concitou-o a mudar o nome de “Movimento do Grupo de Oxford”, sob o fundamento de que a “Absoluta Honestidade” proibia negociar com a glória refletida do Movimento de Oxford original, êle escreveu-lhe: “Os homens e as mulheres de Oxford, às centenas, acharam êste movimento um meio de descobrir uma fé religiosa vital. Êles avaliam a completa confusão resultante da mudança de um nome que em milhões de mentes se tornou identificado com a mensagem cristã. Há muitos Movimentos de Grupo só na Inglaterra, dos quais o Grupo de Oxford é apenas um. Alterar a palavra “Oxford” seria desnecessário, desconcertante e seriamente prejudicial nestes dias de urgência na causa de Cristo” (“Saints Run Mad”, “Os Santos enlouquecem”, p. 23).

Entretanto, quando o “Movimento do Grupo de Oxford” mostrou sinais de deterioração na Inglaterra, e Frank Buchman voltou a sua atenção para o Continente, pensou que o título “Rearmamento Moral” teria ali mais larga repercussão, e a sua relutância em abandonar o nome de Oxford desapareceu em consequência. E a sua sabedoria parece ter sido justificada pelos resultados. A 16 de junho de 1950, o órgão anglicano “Church Times” dizia: “Seria interessante conhecer a reação Vaticana ao interêsse que alguns proeminentes leigos católicos romanos na França e na Alemanha estão tomando pelo rearmamento moral”.

Acaso o Movimento, com a sua mudança de nome, abandonou o seu caráter especificamente religioso? Em 1933 o Dr. Buchman podia falar do seu senso de “ur-

gência em nome de Cristo". Os Artigos da sua Incorporação nos Estados Unidos declaram:

"A nossa erudição tem sido a verdade conforme revelada pelo Espírito Santo.

"A nossa segurança tem sido a riqueza de Deus em Cristo Jesus.

"A nossa unidade como uma família mundial tem sido na guia do Espírito Santo e no nosso amor uns aos outros.

"O nosso objetivo tem sido o estabelecimento do Reino de Deus cá na terra nos corações dos homens e mulheres por tôda parte, a construção de um mundo livre do ódio, livre do temor, livre da cobiça.

"A nossa recompensa tem sido o cumprimento da Vontade de Deus".

(Do "The Oxford Group", por J. P. Thornton-Duesbery, p. 217).

Contudo Peter Howard, no seu livro "The World Rebuilt" (O Mundo Reconstruído), p. 118, diz-nos que "um Muçulmano, se vive de acôrdo com o mais alto ensino do Islã e aceita normas morais absolutas e a guia de Deus, torna-se parte e parcela do despertar moral e espiritual do seu povo e, assim, do mundo".

Afirmações tais induziram o Rev. Frederic Hood, Diretor de Pusey House, a escrever no "Church Times" de 22 de setembro de 1950: "O Buchmanismo está francamente vivo em Oxford hoje em dia... Cremos ter visto o Movimento na sua fase pior em Oxford. Na sua última fase, dizem-me que é possível alguém "rearmar-se moralmente" e ainda ficar sendo Muçulmano ou Hindu. Se assim é, o Movimento já não é mais distintivamente cristão".

A despeito disso, contudo, os Buchmanistas ainda proclamam que o seu Movimento foi planejado sob a guia do Espírito Santo, e que “nêles homens e mulheres acharão o poder do Cristo vivo não só para redimir como também para dirigir e controlar as suas vidas”.

COOPERAÇÃO DOS CATÓLICOS

Podem os católicos participar ativamente do Movimento de Rearmamento Moral? Alguns proeminentes católicos continentais assim têm feito, e têm escrito ardentes artigos para recomendar o Movimento — artigos dos quais os Buchmanistas têm feito o mais pleno uso, nos seus esforços para acalmar os escrúpulos de outros católicos no mundo inteiro.

Verdade é que, por ocasião de reuniões de massa do “Rearmamento Moral” em Gelsenkirchen, Westphalia, na Alemanha, o Cardeal Frings declarou, num sermão de Pentecostes na Catedral de Colônia, a 28 de maio de 1950, que era tempo, para a Igreja, de advertir os Católicos contra e cooperação com o “Movimento de Rearmamento Moral” dirigido pelo Dr. Frank Buchman.

Porém muitos escritores católicos proeminentes, e até mesmo alguns jornais católicos responsáveis, têm continuado a sair fora do seu caminho para recomendar o Movimento ao laicato católico, entendendo mal tanto a verdadeira natureza dêle como o verdadeiro sentido dos pronunciamentos católicos oficiais que êles citam para apoiar os seus modos de ver.

Um artigo publicado no jornal católico suíço “Ostschweiz” a 10 de março de 1950, intitulado “Os Católicos e o Rearmamento Moral”, citava uma Instrução do Santo Ofício permitindo expressamente aos católicos participarem de reuniões confessionais mistas pa-

ra a defesa dos princípios fundamentais dos direitos humanos e da religião, e para a reconstrução da ordem social.

Isso parece um abuso radical da Instrução do Santo Ofício. A 6 de junho de 1948, o Santo Ofício publicara um “Monitum” proibindo a participação ativa dos católicos em convenções religiosas com não-católicos.

A 20 de dezembro de 1949, o Santo Ofício publicou uma Instrução declarando que o “Monitum” não se applicava a —

“assembléias mistas de católicos e não-católicos nas quais não esteja sob consideração coisa alguma concernente à fé ou à moral, mas em que sejam promovidas discussões para tomar conselho quanto aos meios e modos aconselháveis para defender por ação comum os princípios fundamentais da lei natural e a religião cristã contra os inimigos coligados contra Deus; ou para restabelecer a ordem social; ou para tratar e resolver questões de natureza semelhante. Mesmo nessas assembléias, como é evidente, os católicos não têm permissão para aprovar ou conceder coisa alguma que não esteja de acôrdo com a revelação divina e com o ensino da Igreja, inclusive o seu ensino sôbre a questão social”.

Não se pode dizer que “coisa alguma concernente à fé ou à moral estivesse sob consideração” em Caux, nas assembléias mistas de católicos e não-católicos ali; e a própria presença de católicos é tomada como aprovação de muita coisa que não está de acôrdo com a revelação divina e com os ensinamentos da Igreja.

Certamente os católicos podem fazer ação comum com outras corporações religiosas para fins não-religiosos — tais como, por exemplo, melhorar os serviços de transporte numa dada localidade. Ninguém discute isto.

Mas o objeto do “Rearmamento Moral” não é apenas promover a paz mundial. E’ fazer isso por meios especificamente religiosos, inclusive pela leitura da Bíblia de acôrdo com o princípio protestante da interpretação privada, pela confissão pública ou “participação”, e pela conversão ou “mudança de vida” consoante modelo prescrito por Frank Buchman. Êle usa têrmos pertencentes à tradição cristã, mas em sentido herético; e doutrinas incompatíveis com os ensinamentos católicos são proclamadas em nome do M. R. M.

Aí não se trata de uma ação paralela de católicos e protestantes (e Muçulmanos, para essa matéria) que persistem religiosamente separados, ação para algum objetivo social ou nacional, mas se trata de ação religiosa conjunta.

No “Ostschweiz” de 10 de março de 1950, o Padre Hugo Lang, O. S. B., é citado como dizendo que o M. R. M. “não tem intenção de ser uma seita ou religião. E’ simplesmente um movimento religioso sobrenatural que procura reconduzir cada indivíduo às fontes da sua própria religião”. Mas isto é um subterfúgio. Pode êle ter pretensão a tal objetivo, mas o seu objetivo real é remediar os males dêste mundo pelos seus próprios métodos peculiares. Em todo caso, se êle é um “movimento religioso sobrenatural”, devemos perguntar: De que religião haure êle o seu caráter religioso? Certamente não é da religião católica. Como, pois, podem os católicos promover-lhe o ulterior crescimento e desenvolvimento?

Os católicos devem sustentar que só a Igreja Católica tem o direito de falar em nome de Cristo, e que só ela é a guardiã da lei moral tanto revelada como natural. O “Movimento de Rearmamento Moral” proclama ser divinamente inspirado, embora não sujeito à Igreja Católica. Inevitavelmente acode à mente de ca-

da um a advertência de Nosso Senhor: “Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós sob a veste de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes” (Mt 7, 15).

Na sua Encíclica “Mortalium Animos” (1928), o Papa Pio XI dizia:

“Esforços estão sendo feitos por alguns, em conexão com a Nova Lei promulgada por Cristo Senhor Nosso. Seguros de existirem poucos homens inteiramente destituídos de senso religioso, êles parecem fundar nesta crença uma esperança de que tôdas as nações, embora diferindo realmente em matéria religiosa, possam contudo, sem grande dificuldade, ser trazidas a um fraterno entendimento sôbre certos pontos de doutrina que formarão uma base comum da vida espiritual. Com êste objetivo, congressos, reuniões e exortações são promovidos, com grande concurso de ouvintes, onde todos sem distinção, incrédulos de tôda espécie tanto como cristãos, até mesmo os que infelizmente rejeitaram Cristo e negaram a sua Natureza ou missão Divina, são convidados a juntar-se na discussão.

“Ora, tais esforços não podem encontrar espécie alguma de aprovação entre os católicos. Tais esforços pressupõem a errônea visão de que tôdas as religiões são mais ou menos boas e dignas de louvor, visto como tôdas dão expressão, sob várias formas, a êsse senso inato que leva os homens a Deus e ao obediente conhecimento da sua Lei. Os que sustentam tais modos de ver não sômente estão em êrro, mas deturpam a verdadeira idéia de religião, e assim rejeitam-na, caindo gradualmente no naturalismo e no ateísmo. Destarte, favorecer esta opinião e incentivar tais empreendimentos, equivale a abandonar a religião revelada por Deus”.

Poder-se-ia pensar que, ao escrever essas palavras,

o Santo Padre tinha em mente o “Movimento de Rearramento Moral”!

Os que favorecem e fomentam o M. R. M., em vez de propagarem a verdade plena, estão ajudando êsse Movimento a crescer e desenvolver-se — ajudando-o a difundir uma reduzida e herética forma de Cristianismo.

Não podemos argumentar com o bem realizado e com as virtudes dos indivíduos, em abono da sanidade dos sistemas de pensamento e de govêrno que êles adotam. A caridade alegra-se com o bem, mas não pode perdoar, nem mesmo parecer perdoar, a falsidade. Pode ser coisa melhor para os não-católicos o serem convertidos da irreligião para alguma religião; mas os católicos não podem apoiar ativamente um Movimento que se contenta com converter muita gente a religiões heréticas.

Nos primeiros séculos, os Arianos, Nestorianos e outras corporações religiosas converteram muitos pagãos e bárbaros à sua versão do Cristianismo. Mas os católicos não podiam, por causa disso, apoiar tais esforços missionários.

John Wesley, no século XVIII, fêz muito bem entre os protestantes; mas isso não justificou a aprovação e o apoio dos católicos ao Metodismo.

Nos nossos próprios tempos, o Cardeal Hinsley fundou na Inglaterra um Movimento conhecido como “A Espada do Espírito”. Tinha êle praticamente o mesmo fim e objeto que o M. R. M. Dêle o Cardeal Hinsley disse: “O Movimento “A Espada do Espírito” é uma boa obra porque os seus membros visam a cristianizar as suas próprias vidas, e porque por todos os meios direitos procuram promover modos cristãos de vida no mundo onde êles vivem e se movem” (9 de agosto de 1941).

A cooperação dos não-católicos foi procurada para a discussão e aplicação de medidas práticas destinadas a combater males sociais. Mas os protestantes logo quiseram um quinhão no contrôle do Movimento e a introdução de exercícios religiosos comuns. O Cardeal Hinsley recusou positivamente. Declarou que o Movimento devia ficar exclusivamente sob contrôle católico, sendo que membros de outras corporações religiosas seriam associados à “Espada do Espírito” somente com (“sensu diviso”) separatismo religioso — ação combinada (“sensu composito”) em união restringida a medidas práticas dentro dos limites da lei moral natural. Os protestantes não podiam ter poder de voto na direção do govêrno da “Espada do Espírito”, e o Movimento não podia tornar-se um “Movimento Interdenominacional”.

Assim sendo, os protestantes recusaram participar de reuniões conjuntas com o Movimento “Espada do Espírito”.

Mas, se os Católicos não podiam trabalhar sob o contrôle parcial de Protestantes, como podem trabalhar sob a direção do M. R. M., que é um “Movimento Interdenominacional” — e Movimento religioso — inteiramente sob contrôle não-católico?

O ponto de vista acentuado neste livrinho não pode ser considerado como mera opinião individual privada. Decerto, nenhuma aprovação oficial, qualquer que seja, ao Movimento de Rearmamento Moral, da parte da Igreja Católica, pode ser citada em favor dêle.

Por outro lado, logo desde o comêço, quando o Movimento apareceu pela primeira vez como o “Movimento do Grupo de Oxford”, os Bispos católicos na Inglaterra preveniram o seu povo contra êle, porque, afora tudo o mais, a sua base não-ortodoxa e confessamente religiosa era inteiramente inaceitável sob

ponto de vista católico. Quando o “apostolado” do Dr. Frank Buchman foi transferido para o Continente, e o nome de “Movimento do Grupo de Oxford” foi afastado em favor do de “Rearmamento Moral”, esta mudança de nome, e também uma mudança de ênfase nos métodos, resultaram no fato de a princípio não ser o Movimento plenamente entendido pelos católicos continentais. Mas, quando a sua verdadeira natureza se tornou mais bem conhecida, advertências contra êle, similares àquelas da Inglaterra, foram publicadas pelos Bispos católicos em diferentes países europeus.

A primeira condenação do Movimento foi publicada pelos Bispos católicos da Inglaterra em 1938. Esta foi confirmada por uma segunda declaração em 1946. No Continente, advertências similares foram formuladas aos católicos pelo Cardeal Frings na Alemanha (1950); pelo Cardeal Schuster na Itália (1950); e pelo Cardeal Van Roey na Bélgica (1953).

Num livro recentemente publicado (1954) sob o título “The Right View of Moral Rearmament” (A verdadeira visão do Rearmamento Moral), o Bispo Suenens, Auxiliar de Malines, após uma análise muito exaustiva do M. R. M., declara que, a despeito de todos os característicos aparentemente recomendáveis, os princípios essenciais dêle são radicalmente opostos aos da religião católica. E cita um Bispo católico americano como declarando em outubro de 1952: Consideramos um sintoma perigoso a atitude de certos católicos envolvidos no Movimento”.

Sem dúvida, portanto, mesmo quando o problema algum dia resultasse num proveito prático em larga escala para os católicos nos E.U.A., a declaração publicada pelo Cardeal Griffin na Inglaterra em novembro de 1946, a saber, que “nenhum católico pode tomar qualquer parte ativa em tal movimento”, pode-

ria ser tomada como refletindo aquilo que seria a atitude oficial das autoridades católicas na América.

A crítica do M. R. M. não significa uma negação dos seus benefícios reais na ordem prática, nem das suas vitórias morais em muitos indivíduos. Deus dá graça a gente equivocada mas sincera. Porém fica de pé o fato de que, em geral, os membros do M. R. M. falam fácil e graciosamente dos valores cristãos, sem a mais leve intenção de subscrever os artigos centrais da Fé Cristã.

A Fé Cristã, a Fé total (e isto quer dizer a Fé Católica), e não apenas pedaços dela, é que encerra a única esperança real de uma sociedade mais bem ordenada e mais feliz. A nossa tarefa é mostrar o caráter indivisível dos ensinamentos da Igreja Católica, a unidade dos seus ensinamentos doutrinários, morais e sociais, sem subterfúgio ou compromisso.

A energia e o zelo do M. R. M. deveria, realmente, fazer-nos examinar as nossas consciências, mas não fazer-nos jogar a nossa sorte com êle. Fazer isso significa causar dor a multidões de bons católicos no mundo inteiro; dá uma falsa impressão aos próprios protestantes; e coopera em procurar reconstruir o mundo sôbre aquilo que afinal de contas só pode provar ser uma base falsa.

NO BRASIL

O Movimento de Rearmamento Moral teve um surto de propaganda e difusão, há poucos anos, no Brasil, realizando sua primeira Reunião Nacional em Volta Redonda, em 1954. A maior divulgação dos ideais do Movimento foi levada a efeito pelo livro de Peter Howard: "O Mundo Reconstruído" (Saraiva S. A.).

Várias delegações brasileiras têm participado dos cursos de Caux e principalmente das Assembléias Mun-

diais. Falando numa Assembléia do Movimento, o deputado Gurgel do Amaral prometeu implantar o Rearmamento Moral no Brasil, como solução para os nossos problemas. Fica-se pensando o valor dos quatro absolutos do M. R. M. (honestidade absoluta, pureza absoluta, altruísmo absoluto e amor absoluto), quando se vê êsse deputado, adepto fervoroso do Movimento, fazer da introdução do divórcio o chamariz para sua propaganda eleitoral. Será que a pureza absoluta, interpretada sonoramente como “uma rajada de limpeza moral através das nações” é a enxurrada divorcista de que é paladino o Gurgel do Amaral?

Bem faria o Contra-Almirante Edward Crochane que acaba de chegar ao Brasil (20-6-1958) para divulgar a doutrina do Rearmamento Moral, que aplicasse a “rajada de limpeza moral”, antes de tudo, a propagandistas do Movimento, que está francamente desmoralizado. . .

INDICE

Os Católicos e o rearmamento moral	3
Primeira fase do Buchmanismo	6
Nova seita religiosa	9
Relação para com a Igreja	10
Segunda fase do Buchmanismo	12
Cooperação dos Católicos	15
No Brasil	22

VOZES EM DEFESA DA FÉ

O Secretariado Nacional de Defesa da Fé resolveu ampliar a conhecida série de 8 cadernos "Contra a Heresia Espírita" sob o novo título geral de "Vozes em Defesa da Fé". Já estão no prelo e sairão próximamente os seguintes cadernos:

9. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento
10. O Rosacruzianismo no Brasil
11. As Sociedades Teosóficas
12. Martinho Lutero
13. A Reforma Luterana
14. Os Presbiterianos
15. Os Congregacionalistas
16. Os episcopalianos
17. Os Batistas
18. Os Metodistas
19. Os Adventistas
20. O Exército da Salvação
21. A Associação Cristã de Moços
22. As Testemunhas de Jeová
23. "Assembléias de Deus" e outras "Igrejas Pentecostais"
24. Os Mormons ou Santos dos últimos Dias
25. A "Ciência Cristã"
26. Os Católicos e o Rearmamento Moral
27. A Teoria de "A Bíblia sòmente"
28. A Teoria da "Justificação pela Fé sòmente"
29. Só os Católicos se salvam?
30. Cristo voltará em breve?
31. A Imortalidade da Alma
32. Cristo é realmente Deus?
33. A Inquisição
34. Nossas Superstições
35. Astrologia, Quiromancia e Quejandos

Na mesma coleção seguirão ainda dezenas de outros títulos,
já em preparo

Publicações do Secretariado Nacional de Defesa da Fé,
na Editôra Vozes.

Pedidos à EDITORA VOZES LIMITADA
Caixa Postal 23, Petrópolis, Estado do Rio